



**Amar o universo não me traz mágoa.
Sobretudo, amar a areia
Arrebata-me de júbilo e paixão.
Amar o mar completa a minha vida
Com o tacto de um amor imenso.
Mas veio o vento e, por momentos,
amargurou o meu corpo, a oscilar.
E está o Sol aqui, depois de uns dias
Com o jardim obscurecido a beber sombra.
E sei que os átomos zumbem
e dançam como os insectos,
ébrios em redor do pólen.**



Verso Vão

**Onda de sol, verso de ouro,
perífrase vã. Extasiar-me,
antes, por esta fusão,
mistura de brilhos. Ou, ainda
mais íntima, a consciência
extensa como o céu, o corpo de tudo,
semelhança absoluta. Respirar
na quebra da onda. Na água,
uma braçada lenta
até ao limite de mim.**



Apocalipse

Quando passa o tempo, as coisas retornam aos elementos. E as criaturas. Para a transformação final. Mas nem o fim permanece. O cardume dos lagos que morre embranquecido por fim é de água. Os boquilobos multicolores na beira das áleas caem na terra e são terra.



Estrada de Fogo

**Pedra a pedra a estrada antiga
sobe a colina, passa diante
de musgosos muros e desce
para nenhum sopé;**

**encurva, na abstracta encruzilhada;
apaga-se, na realidade. Morre
como o rastilho do fogo,
que de campo em campo aberto**

**seguia, e ao bater na mágica cancela
dobrava a chama, para uma respiração,
e deixava o caminho do portal
incólume e iniciado.**



Vozes Minhas

**O súbito fraseador que mimava
a sua fala pela do vento
não me disse Heraclito fui,
tal como eu o pensei.
Disse só deste lado do recorte
da serra sopra mais.
Ouvir por dentro. Clarear
traços que nos separam
da figura falante. O amanhã
da Terra liga-nos.
Ouvinte do vento, não me
disse como eu: Verdade
e substância, na primeira apanha.
Quietude. Êxtase, na eclosão.**

**Cavou ao longo da esticada corda
que orienta as leiras. Esteve
em movimento ali um dia: Ó terra,
tudo está nos sentidos
antes do senso, voz certa,
som áspero, vento de rajadas grossas.**



Poética de um Rosto?

Que a neofiguração se torne nítida. Do objecto sedutor. Incrustado nas vozes. Quanto resultaria, iluminado pelo silêncio. O painel de onde se desprende a linha. Um modelo clássico que revele. As palavras eternas da fábula de Hero.

Proximidade incompreensível como a de alguns poemas. Sentimentos que são indecifráveis. Uma dedução para o fim. Talvez o amor jubiloso dentro da quarta parte da pupila do olhar divisível pela cruz axial. Encontrado na paisagística do rosto. Expectativa de um sentido propício. A revelação verso por verso.



A um Poema

**A meio deste inverno começaram
a cair folhas demais. Um excessivo
tom amarelado nas imagens.
Quando falei em imagem
ia falar de solo. Evitei o
imediate, a palavra mais cromática.**

**O desfolhar habitual das memórias é
agora mais geral e também mais súbito.
Mas falaria de árvores, de plátanos,
com relativa evidência. Maior
ou menor distância, ou chamar-lhe-ei
rigor evocativo, em nada diminui**

**sequer no poema a emoção abrupta.
Tão perturbada com a intensa mancha
colorida. Umas passadas hesitantes,
entre formas vulgares e tão diferentes.
A descrição distante. Sobretudo esta
alheada distância em relação a um Poema.**



O Nada. Sobretudo na Fase de Exaltação

Os ramos de árvores despidos que nos lembram o nada. Sobretudo na fase de exaltação do espírito. Com a cabeça encostada aos vidros altos.

Simultaneamente procurar o centro da irradiação. O Sol matinal com os seus hiatos preenchidos por casas. Ameias onde se invertem os vértices do horizonte. Sol magnânimo

fixo sobre as árvores abençoadas sem folhas. Infinitos pormenores visíveis e espaços audíveis preenchem a hora exaltada. Ponto profusamente cheio. Um fino silêncio exterior

sinal do nada circundante. Graveto junto de graveto cruzados para além do fim da perspectiva. Um significado diverso naquelas ameias em outros planos. O nada sempre coeso. Uma respiração intangível e sem sombras.